

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades

4 a 6 de agosto de 2014

Universidade Federal do Espírito Santos

GT 01 - Africanidades e Brasilidades em Literaturas

De Romano a Vicente: identidades em processo

na narrativa cabo-verdiana dos séculos XX e XXI

Eidson Miguel da Silva Marcos¹

No decorrer do século XX, a construção, ou releitura, de uma identidade nacional marcou a trajetória de vários países africanos, então sob tutela colonial, a exemplo do arquipélago de Cabo Verde. A literatura, nesse contexto, se converteu em um campo fecundo para o desenvolvimento de projetos identitários e respectivas discussões dos problemas inerentes às realidades desses países, como atestam romances do porte de *Famintos*, do cabo-verdiano Luis Romano. Projetos esses alinhados ao pensamento de figuras como Amílcar Cabral, um dos grandes articuladores do movimento pela independência de Cabo Verde e Guiné Bissau, cuja atuação e pensamento problematizaram a desigualdade política, econômica e diferenças étnicas entre as classes sociais e as nações dentro e fora da África. Ao se reconhecer a atualidade do pensamento cabralino no século XXI, podemos, por conseguinte, identificar a releitura de tais projetos identitários pelo viés literário, como na poesia em prosa e na “prosa poética” do também cabo-verdiano Abraão Vicente, autor de *O Trampolim*. No presente trabalho, portanto, empreenderemos leituras das obras *Famintos*, de 1962 e *O Trampolim*, publicada em 2009, enfocando aspectos ligados à condição identitária de Cabo Verde e à

¹ Mestre em Literatura e Interculturalidade pelo PPGLI/UEPB. Atualmente cursando Letras/Espanhol na UFRN. eidson_miguel@hotmail.com

discussão em torno de questões contempladas pelo pensamento de Amílcar Cabral, a exemplo das relações sociais e étnicas, tratados via literatura.

Palavras-Chave: Literatura cabo-verdiana, Desigualdade, Identidade, Etnicidade.

No âmbito das lutas anticolonialistas que eclodiram ao longo século XX, as quais reivindicavam política, cultural e militarmente a autonomia de várias nações africanas, a literatura acabou desempenhando um importante papel na consolidação desses processos revolucionários. Projetos de construção de identidades nacionais, de denúncia de situações ligadas ao colonialismo e ao fascismo desenvolvidos pelo viés literário marcaram a produção artística de vários escritores, estando em sintonia com a ação de Amílcar Cabral, o principal pensador, articulista e líder guerrilheiro do movimento pela autonomia política de Cabo Verde e Guiné Bissau. Autores como o cabo-verdiano Luís Romano militaram ativamente, através de sua produção intelectual, no desenvolvimento de tais processos.

Luís Romano Madeira de Melo nasceu em 10 de junho de 1922 na Vila da Ponta do Sol, ilha de Santo Antão, uma das dez que compõem o arquipélago de Cabo Verde, situado na costa africana. Morreu na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, em janeiro de 2010. Autor multifacetado, Romano enveredou pela prosa de ficção, poesia, narrativa curta, ensaios críticos e antropologia, tendo colaborado com diversas revistas literárias internacionais. Militante pela causa independentista cabo-verdiana, o escritor foi perseguido pela polícia política portuguesa (PIDE), emigrou para o Senegal, Marrocos e Brasil, onde se exilou na década de 60. Estadista, Romano exerceu a função de cônsul de Cabo Verde no Brasil após a conquista da autonomia política de seu país natal na segunda metade da década de 70. Em 1962 publica seu único romance conhecido, *Famintos*.

Famintos, o romance de um povo sob a tutela do colonialismo, desenrola-se na Ilha sem Nome, metáfora para o arquipélago de Cabo Verde. Os quadros que compõem a história passada na Ilha sem Nome são descritos por um narrador que incorpora em sua atividade, além do recurso da prosa, o exercício

poético e a intercalação da fala de várias personagens. Pela referência de um dos personagens ao acompanhamento das notícias da guerra mundial e pela alusão ao regime fascista, na figura do “Ditador”, percebe-se que a história desenrola-se na década de quarenta do século XX. A seca, a fome, a diáspora para a América e roças de São Tomé, assim como a violência da máquina estatal sob influência fascista controlada pela própria classe dirigente da Ilha, geram um quadro grotesco marcado pela mortandade e desumanidade dos habitantes da Ilha sem Nome.

Para o poeta, ensaísta e teórico da literatura cabo-verdiana José Luís Hopffer Almada, Luís Romano pode ser classificado dentro da trajetória literária cabo-verdiana como um novo-largadista, que seguiu “aprofundando e alargando, por conseguinte, as preocupações estético-ideológicas do movimento Claridade²” (SPÍNOLA, s/d, p. 3). O movimento da Nova Largada, daí o termo novo-largadista, marca a primeira contestação ao telurismo e ao evasionismo dos claridosos, inserindo no discurso identitário crioulo cabo-verdiano, pelo viés da literatura, uma afirmação do elemento negro-africano como componente desse olhar crítico, mas sem perder o forte caráter nacionalista. Nas palavras de José Luís Hopffer Almada:

A poesia da Nova Largada que eclode nos anos 40 e 50, como uma vertente mais rebelde nas revistas Claridade, Certeza e Cabo Verde com os “*poemas de amanhã*” e “*bate pilão bate*”, de António Nunes bem como “*Herança*”, “*Magia Negra*” e outros poemas da Linha de Horizonte de Aguinaldo Fonsceca e assume, em 1953, nome próprio com o surgimento do Grupo “*Nova Largada*”, na capital do Império, responsável pela edição do Suplemento Cultural (1959) ao Boletim Cabo Verde (Praia, 1948-1964), é largamente marcada pelo neo-realismo português, pela intelectual e estética revalorização das nossas raízes negras e pela contestação social e anticolonial. (ALMADA, 2005, p. 3).

O momento sociopolítico e literário, do qual emergiu *Famintos*, estava marcado pelas tensões políticas e problemas sociais que levaram alguns

² Geração de escritores organizados em torno da revista literária “Claridade”, lançada pela primeira vez em 1936 com a proposta de “fincar os pés na terra”, ou seja, exprimir as idiosincrasias do cabo-verdiano.

escritores a contestar a postura ideológica dos claridosos e reivindicar uma literatura que deveria ser “verdadeiramente funcional”. Nesse sentido:

a evolução da poesia cabo-verdiana não pode parar. Ela tem de transcender a “resignação” e a “esperança”. A “insularidade total” e as secas não bastam para justificar uma estagnação perene. As mensagens da Claridade e da Certeza têm de ser transcendidas. O sonho da evasão, o desejo de “querer partir” não pode eternizar-se. O sonho tem de ser outro, e aos poetas – os que continuam de mãos dadas com o povo, de pés fincados na terra e participando no drama comum – compete cantá-lo. O cabo-verdiano, de olhos bem abertos, compreenderá o seu próprio sonho, descobrirá a sua própria voz, na mensagem dos poetas (CABRAL, 1976, p. 21).

Inserido nesse contexto, Luís Romano fez de seu trabalho literário uma arma de combate ao fascismo e às desigualdades sociais, para ele, o ato de escrever “é uma prática essencialmente sociocultural, desprovida de qualquer subjetividade. Porta-voz de um povo de quem se sente o filho reconhecido e o seu fiel representante.” (CHALENDAR, 1983, p. 30). É ainda Chalendar (1983) quem entende que em se tratando de *Famintos* estamos diante “de um documento sociológico, mais que a um romance propriamente falando”.

O romance *Famintos* (1962), escrito nos anos 40, enquadra-se nos pressupostos do Neo-realismo, tal como, de certo modo (na denúncia de situações e na reivindicação de uma identidade), o livro de poemas *Clima* (1963), saídos ambos no Brasil. Este último contém evocações da pertença ao mundo negro e do apelo crioulista, o que o torna um texto híbrido, no cruzamento de múltiplas vias: Neo-realismo, Negritude, Crioulidade. (LARANJEIRA, 1995, p. 216)

Nesse viés, projetos literários se punham alinhados a projetos políticos de independência, como os articulados por Amílcar Cabral para Cabo Verde e Guiné Bissau. Em Cabo Verde, “por causa da insalubridade e da descontinuidade do território, a luta continuou sob forma política clandestina até o advento da Independência.” (SPÍNOLA, s/d, p. 14). Sendo assim, Amílcar Cabral entendia que:

não é possível lutar de facto pela independência de um povo, não é possível estabelecer de facto uma luta armada (...) sem conhecermos a sério a nossa realidade e sem partirmos a sério dessa realidade para fazer a luta (CABRAL, s/d, p. 21).

Dessa forma, o projeto político da geração literária dos Claridosos, mesmo antecipando um ideário cabo-verdiano, já não atende, pelo menos em certa medida, às premissas ideológicas de Amílcar Cabral – que via luta pela libertação também como um ato cultural – uma vez que, lançada em 1936, tinha como projeto exprimir a voz do povo cabo-verdiano em toda sua autenticidade. De fato, autores como Maurice Taonezvi Vambe e Abebe Zegeye estão convencidos de que “as obras de Cabral influenciaram e também foram influenciadas pela literatura africana que as antecede e as sucede” (VAMBE e ZEGEYE, 2012, p. 36).

Faziam parte do ideário cabralino assuntos como a desigualdade social, marcante também nas relações entre metrópole e colônia, a construção de uma identidade nacional como parte da consolidação de uma autonomia política e a reivindicação e requalificação étnica, que exigia, em sua visão, uma reafricanização dos indivíduos que haviam recebido uma formação europeia. Reafricanização que seria problemática no contexto cabo-verdiano marcado por um discurso da mestiçagem, largamente defendido pela geração claridosa, que encobria os problemas de ordem etnoracial no arquipélago.

Para autores como Gabriel Fernandes afigura-se “bastante questionável a ampla proeminência atribuída ao mestiço na edificação do cenário sociocultural cabo-verdiano” (FERNANDES, 2002, p. 49). Para ele, a construção do cenário sociocultural cabo-verdiano se dá não por uma crioulização do europeu, mas por um branqueamento do negro/mestiço que, visando uma mobilidade social e “seguindo uma espiral hipostática, o filho mestiço se reconhece no pai [português] e se nega como entidade autônoma” (FERNANDES, 2002, p. 50). Nesse sentido, Fernandes situa, no contexto cabo-verdiano, no que se refere à cor da pele, um esvaziamento do seu conteúdo étnico em face de um social. Situação apontada nas páginas de *Famintos*, no âmbito da denúncia de uma realidade humana e na

construção de uma identidade étnica, social e cultural do cabo-verdiano na primeira metade do século XX.

Infelizmente esta terra não tem gente que sente pena de coitadinho. Aqui, pretalhada que pede esmola é comida de chicote de quem tem poder, até morrer como barata. Quem manda é quem tem loja e milho branco na sacaria para trocar horta por coisinha de comida. Meu patrão dizia que era penoso ver irmão brigando contra irmão. Sim, aqui é tudo pretalhada. Quem tem govêrno na casa e loja com prateleira cheia de fazenda, passa logo a ser considerado como branco, mesmo se côr dele for mais escura que cinza de carvão. (ROMANO, 1962, p. 100-101)

Mesmo após a consolidação dos processos independentistas, o de Cabo Verde em 1975, muitos desses temas e abordagens ainda conservam uma atualidade em pleno século XXI, três décadas depois.

O mundo mudou muito, tanto em termos geopolíticos, como em compreensão histórica e sociológica do nacionalismo, da construção das nações e dos valores democráticos. Mesmo assim, continuam notórias as dimensões fundamentais enfrentadas pela globalização – redução da desigualdade e da pobreza, sustentabilidade do planeta, diferenças de poder e desafios éticos e religiosos – tão presentes no movimento nacionalista das décadas de 1950 e 1960. (LOPES, 2012, p. 7)

Nesse cenário, naturalmente, a literatura também se transformou, incorporando novas temáticas, inovações estéticas e novas formas de abordar velhos conteúdos. Mas assuntos problemáticos, a exemplo da desigualdade social, das relações etnicorraciais, da identidade nacional ainda aparecem nas páginas da literatura africana do século XXI.

O sociólogo, deputado, artista plástico e escritor cabo-verdiano Abraão Vicente é dono de uma poesia em prosa e de uma prosa poética que chama a atenção pela inventividade estilística e abordagem de alguns temas ainda problemáticos nos dias de hoje. Em seu romance *Trampolim*, Abraão Vicente apresenta, por meio de sua 'prosa poética', um diálogo entre dois homens, ambos chamados "Zé". Oriundos do arquipélago de Cabo Verde, mais exatamente da

Assomada, eles vivem na periferia de Lisboa. Os dois transmitem impressões sobre vários assuntos, dentre os quais à condição de negros, pobres e cabo-verdianos na diáspora, situação compartilhada por muitos outros indivíduos. O desejo de um deles de sair desse estado de coisas, de ter outra identidade que não a de um Zé qualquer, o leva a projetar a construção de um trampolim que o alce ao lugar desejado. Artefato este que não corresponde necessariamente ao objeto concreto, mas a um recurso metafórico para a evasão, a transformação, a revolução das coisas.

Durante todo o diálogo, os dois amigos se alcunham quase todo o tempo de 'preto', não apenas referindo uma condição étnica, como atrelando a ela um caráter social. Na introdução da obra, inclusive, o narrador de Trampolim, como que apresentado uma nota introdutória ao leitor, assume sua condição étnica que se manifesta tanto na cor da pele como na linguagem: “tenho que explicar à multidão o porque te der escolhido o português dos pretos lá do bairro e não o (...) português de Portugal... Eu mesmo sou preto” (VICENTE, 2009, p. 17). Algo similar ao que fez Romano na “carta” que abre o romance *Famintos*, na qual o narrador se assume como um “Negro de lábios grossos”:

IRMÃO

Que as cenas que vais ler neste livro retenham sua sensibilidade, como tão profundamente se estamparam no meu íntimo. Que nelas encontres o teu drama – o drama de nós todos – e, te confortes, porque UM – SONHO – ESPERANÇA – é o ideal de tantos outros que alimentamos. Que nestas objectivas vejas “casos” que ficaram desfeitos pela mentira de uma verdade e compreendas o pranto deste Negro-de-Lábios-Grossos como hino de amizade. ... nascidos na humildade da sua espécie os Sem-Nome baquearam na treva horrível. Ligados pela mesma desdita, seus nomes fundem-se no silêncio que ainda fala por eles. (ROMANO, 1962, p. 11)

A questão não fica apenas nessa auto-afirmação, vai até o esboço de um perfil, de uma identidade negra, africana e cabo-verdiana que não deixa de contemplar a condição social. A partir da relação preto/branco, Europa/África:

- Zé, aqui a questão não é das igualdades é das diferenças! O que é que preto vai fazer a terra de branco?

- Vai ganhar a vida meu, isto aqui está complicado!

- E o quê é que branco vai fazer à terra dos pretos?

- Gastar umas moedas, dirigir daquelas empresas que está em todo o mundo e fazer mulatos! E mais, agora também há pretos que vai a terra das Europas gastar em ilusões, é Zé, a mania das igualdades é mal entendida! Preto pensa que para ser igual a branco tem de viver como branco, mentira Zé, preto tem de aprender a viver bem como antes de branco chegar a nossa terra! (VICENTE, 2009, p. 96)

Que passa pela discussão sobre o que é e se existia igualdade:

- Se pensas assim, é uma grande impostura! Como é que as pessoas vão ser iguais umas às outras! Até seria injusto! Zé mete na tua máquina registradora de acontecimentos e sabedorias relevantes que igualdade não existe. Tudo o que acontece de errado é por causa desta mania de que as pessoas podem ser iguais!

(...)

- Imagina Zé, eu digo-te que somos iguais, assim daquelas igualdades que não admite desavenças, e depois tu pegas-te a observar as coisas como são e apanhas-me numa maneira que tu não poderias estar! Realizas-te que o que dizemos não é a verdade toda nua. Descobres por exemplo que eu sento-me na mesa e como dos mariscos todos, que viajo três vezes por ano para fora, do país, que os meus filhos tem sapatos e roupa nova, a minha casa é minha, minha mulher tem chá marcada às cinco, meus sapatos engraxados, dois relógios, faço pesca aos fins de semana e tenho uma amante ao pé do mar e tu que nem imaginavas que a vida podia ser tão boa para alguém. Tu sabes que uma coisa é viver de palavras outra de comida! Cada um tem o seu alimento! (VICENTE, 2009, p. 97)

E chega até a constatação da importância de uma identidade, com a qual o indivíduo possa se reconhecer e onde residiria toda a sua força:

Igualdade que é igualdade vem da certeza, da convicção alimentada do conhecimento das tuas raízes, do orgulho de respeitar a fonte donde bebeste o teu sangue, tua cultura, sabes

Zé, igualdade vem de saberes porque és diferente e entender a razão dos outros! (VICENTE, 2009, p. 98)

Uma identidade cabo-verdiana.

- Male preto, já te disse que preto não pode pensar muito meu, estraga a paisagem, tira a magia, nunca ouviste falar de morabeza, anda todo mundo dizendo: Cabo verde terra de morabeza...

- ...Qual morabeza Zé, morabeza pró caralho meu, mais ainda, sabes lá tu que é isso de morabeza...diz lá?

- Não sei e nem quero saber na sua exactidão meu, sei da ideia mais ou menos e a mim como a todo bom cabo-verdiano o mais ou menos nos satisfaz a vida sócio, já disse Zé, preto não deve pensar muito quando é pobre meu...

- Tu és uma vergonha, vou te explicar essa da morabeza meu. Morabeza é quando os brancos, e agora até negros, chegam aqui e têm as nossas mulatas mais lindas a cheirar bem, bom cu, tetas bem postas mamando-lhes a fatiota. Isso é morabeza... as senhoras carentes lá dos ocidentes que vem para aqui à procura de sexo, ah pois é meu, alguém que lhes dê andamento ao corpo, ao material biológico, que lhes faça subir pelas parede de tanto prazer, dançar assim no esfreganço com malta negra, com os indígenas e sentir um bom exemplar de pau preto acariciar assim nas claras suas matas molhadas...quê meu, na boa, o que eu te falo só falta escrever para ser verdade. Querem gemer e gritar ao sentir o membro negro, gordo e enorme penetrando suas vulvas rosadas e quase virgens...quê Zé, não gostas da descrição... ah pois, morabeza pró caralho meu, já viste o *double* sentido... morabeza pó caralho...

Então ouve do meu pensamento e faz o que te conto eu, como todo bom cabo-verdiano bebe teu groguinho sem exagero, vai molhar-te ao mar sempre que tenhas querer, cachupa para te maneres rijo, cherém, linguiça frita, feijão e bachinha verde sempre que Deus nosso senhor der chuva e funáná meu, funáná à vontade, morna para namorar, curte da tua montanha e acima de tudo come toda mulher que te cruzar o destino, sem racismo nem muita distinção de beleza ou raça... (VICENTE, 2009, p. 141-144)

Identidade que perpassa os aspectos marcantes de uma “cabo-verdianidade” claridosa, como também os elementos problematizadores das relações de classe, de etnia e de política internacional que encontra eco em posturas como as que animaram escritores do porte de Luis Romano. Desta feita,

percebe-se que o processo de construção de uma identidade nacional pós-colonial ainda encontra pontos a serem trabalhados e discutidos, especialmente via literatura. Pontos que vão além de uma mestiçagem celebrativa e de um conjunto de hábitos peculiares, mas que remetem aos problemas relacionados aos pares Metropole/ex-colônia, preto/branco, rico/pobre, nativo/imigrante. Questões que estiveram em pauta no bojo dos movimentos independentistas das coloniais africanas e da construção de suas respectivas nacionalidades no século XX, mas que demonstram não estarem superados no XXI. Merecendo ainda a atenção da literatura em sua abordagem.

Referências

ALMADA, José Luís Hopffer. Que caminhos para a poesia cabo-verdiana? Antigos e recentes debates e controvérsias sobre a identidade literária caboverdiana. *Navegações*. Porto Alegre, v 4, n. 1, p. 92-106, jan/jun. 2011. Disponível em: <revistaseletronicas.pucrs/fo/ojs/index.php/navegacoes/article/viewfile/9446/6545>, acessado em 30 Maio 2014.

_____. “Problemáticas Actuais da lusografia e da universalização na literatura cabo-verdiana”. In: *Jornal A Semana*, Sexta-Feira, 25 de Fev. 2005. Disponível em: www.asemana.publ.cv/pdf/42234e1c2fc29.pdf, acessado em 31 Maio 2014.

CABRAL, Amílcar. *Unidade e Luta*. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/livro_amilcar_cabral_unidade_e_luta.pdf, acessado em 26 Abril 2014.

_____. «Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana». In: *Vozes*. Petrópolis, n.º 1, p. 15-21, 1976.

CHALENDAR, Pierrette et Gérard Chalendar. “Estrutura tipológica e alcance político de *Famintos* de Luís Romano”. In: ROMANO, Luís. **Famintos**. Lisboa: Ulmeiro, 1983

FERNANDES, Gabriel. “Da imigração à emigração: matizes e narrativas de uma sociedade em gestação”. In: **A Diluição da África: uma interpretação da saga identitária cabo-verdiana no panorama pós-colonial**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002, pp. 25-52.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LOPES, Carlos. “Amílcar Cabral: uma inspiração para os dias de hoje”. In: LOPES, Carlos (org.). **Desafios Contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral**. São Paulo: UNESP, 2012.

MARCOS, Eidson Miguel da S. **De Cabo Verde ao Rio Grande do Norte: identidade étnica e social em Famintos de Luis Romano e Os Brutos de José Bezerra Gomes**. Campina Grande/PB: UEPB, PPGLI, 2013. Dissertação de Mestrado.

ROMANO, Luis. **Kabverd civilização e cultura**. Rio de Janeiro: Minerva Press, 2000. _____. “Cem Anos de Literatura Cabo-verdiana: 1880/1980 (sinopse)”. In: *África*, 7. São Paulo: USP/CEA, 1984, pp. 38-75.

_____. **Famintos**. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

_____. **Clima**. Recife: Imprensa Oficial, 1963.

_____. **Famintos**. Rio de Janeiro: Leitura S/A, 1962.

SPÍNOLA, Daniel. **Cabo Verde: As Ilhas da Morabeza**. Disponível em: http://www.aucv.rcts.pt/word/cabo_verde_site_final_revisto.pdf. Acessado em 12 mar 2012.

_____. “A cultura cabo-verdiana e suas raízes etno-culturais”. Disponível online em: <http://cabo Verde.vozdipovo-online.com/content/view/19/37/1/59/>, em formato pdf. Acesso em: 10 jul 2012.

VAMBE, Maurice Taonezvi. ZEGEYE, Abebe. “Amilcar Cabral e as Vicissitudes da Literatura Africana”. In: LOPES, Carlos (org.). **Desafios Contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral**. São Paulo: UNESP, 2012.

VICENTE, Abrão. ***O Trampolim***. Assomada: Edições CM Santa Catarina, 2009.